



A diva do thriller trágico

A diretora francesa Patricia Mazuy renova as narrativas policiais com 'A Prisioneira de Bordeaux', revelação da Quinzena de Cannes que integra a leva final do festival paulista

Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Cults como "Rififi" (1955) e "O Samurai" (1967) são provas históricas do quanto os franceses amam o filão policial – apelidado por eles de polar – e o quanto o cinema daquela pátria busca construir uma cartilha muito pessoal em torno do gênero (do qual Hollywood usou e abusou), conectando-o com temas políticos ou existenciais – o que o é caso da obra de Patricia Mazuy.

A diretora é hoje uma diva dessa linhagem narrativa, elogiada nas páginas da revista "Cahiers du Cinéma" (Bíblia do audiovisual) pela força imagética de sua recorrente imersão nos códigos das narrativas criminais. Consagrada por "Paul Sanchez Está De Volta" (2018), ela refina seu estilo de retratar a Lei – e a bandidagem – no doloroso "A Prisioneira de Bordeaux" ("La Prisonnière De Bordeaux"), que a 48ª Mostra de São Paulo exhibe nesta quarta, quando sua programação chega ao fim. Revelada pela Quinzena de Cineastas de Cannes, em maio, a produção será projetada nesta quarta-feira (30), às 17h10, na Reserva Cultural 2.



Divulgação

'A Prisioneira de Bordeaux', de Patricia Mazuy, diretora elogiada em Cannes e pela prestigiosa revista Cahier du Cinema

Seu roteiro propõe um ensaio sobre alteridade no bastidor do universo carcerário. Duas mulheres de classes sociais diferentes, Mina (Hafsia Herzi) e Alma (Isabelle Huppert), vão formar uma aliança conforme visitam seus companheiros numa prisão.

"Ando atenta à dificuldade de diálogo que as pessoas têm hoje em dia, num espaço silencioso quase intransponível, de onde vem a brutalidade", disse Patricia ao Correio em Locarno, ao ser indicada ao Leopardo de Ouro por "Boliche Saturno" (2022).

Sem medo da violência, a cineasta faz um ensaio sobre a fraternidade ao narrar o conflito entre um ambicioso oficial da polícia francesa, Guillaume (Arieh Worthalter), e seu irmão malandro, Armand (o ótimo Achille Reggiani). Os problemas entre eles começam quando o pai morre e deixa como herança um clube de boliche. Guillaume crê que deixar o negócio nas mãos de Armand pode salvá-lo do ócio e do erro. Mas...

"Sinto que tenho feito filmes sobre espaços territoriais, mais do que sobre pessoas, nos quais os vetores geográficos se misturam a uma mirada trágica, que, aqui, em "A Prisioneira de Bordeaux", é aplicada a uma cidade provinciana da França", explica Patricia. "Estamos falando da violência de um lugar que se comporta de modo cosmopolita. Lá, as personagens travam uma relação especular de conflito. É essa tensão que eu busco na tradição do thriller francês".

Em 2022, a realizadora ganhou uma retrospectiva integral de sua obra no Festival de Mar Del Plata, na Argentina.

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

ABÁ E SUA BANDA, de Humberto Avellar (Brasil): O bamba dos roteiros de comédia Sylvio Gonçalves é um dos escribas desta animação de forte apelo infantojuvenil. Seu protagonista, Abá, é um jovem príncipe em conflito com seus sonhos musicais e suas responsabilidades. Após romper com o pai, ele foge para se apresentar no Festival da Primavera ao lado dos amigos e descobre os planos de seu tio para acabar com a diversidade. Onde: Circuito SPCine, 15h



GRAND TOUR, de Miguel Gomes (Portugal): Recompensada com a láurea de Melhor Direção em Cannes, esta viagem histórica narra a reeducação do olhar da corajosa Molly (Crista Alfiate) em terras asiáticas. Em 1917, ela é abandonada pelo noivo depois de anos de relacionamento. O rapaz, Edward (Gonçalo Waddington), refugia-se em Rangun para evitar as bodas, mas ela o segue. Mergulha num mundo que não é o seu, de códigos avessos aos seus. Lá, vai se apaixonar por si e encontrar novas alegrias para rir do seu modo peculiar. Onde: Reserva Cultural, 17h20



ATRAVÉS DO FLUXO ("By The Stream"), de Hong Sangsoo (Coreia do Sul): Concorrente ao Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, este lírico drama do mais prolífico cineasta da atualidade acompanha a educação afetiva de uma professora chamada Jeonim. Ela pede a seu tio que dirija um esquete teatral a ser apresentado pelo departamento de sua escola. Todos os dias, Jeonim vai a um riacho próximo para desenhar e tentar entender seus padrões. Seu tio decide dirigir o esquete por causa de suas lembranças de ter se apresentado nessa mesma universidade 40 anos antes. Onde: Instituto Moreira Salles (IMS), 20h15

